

Religião e mídia: o programa *De frente com Gabi* em cena¹
Denise de Souza ASSIS²

Resumo:

A religião atua diretamente nos processos estruturais da contemporaneidade, sendo que essa influência se expande com o auxílio da mídia e traz para a sociedade contemporânea o que conhecemos como mídiatização do discurso religioso. Pensando na importância desse processo, objetivamos observar como os entrevistados utilizam a mídia com esse intuito de captação de devotos e disseminação de doutrinas. Propusemos trabalhar com duas entrevistas exibidas no programa *De Frente com Gabi*, concedidas pelo padre Fábio de Melo e pelo pastor Silas Malafaia. Nos preocupamos com a análise das estratégias argumentativas utilizadas nas respostas aos questionamentos da apresentadora Marília Gabriela. Em nossas análises, utilizamos a Teoria Semi-linguística de Patrick Charaudeau. Depreendemos com nossas análises que tanto Fábio de Melo quanto Malafaia expressam suas opiniões e deixam transparecer o que as Igrejas Católica e Protestante defendem sobre as polêmicas discutidas nas entrevistas. Entretanto, há uma divergência clara na postura dos dois religiosos.

Palavras-chave: religião; mídia; argumentação; *De frente com Gabi*.

1. Introdução

A religião possui uma considerável importância histórica que se estende aos dias atuais, levando em consideração que se trata de uma prática responsável de forma direta pela propagação de valores morais e éticos dentro da sociedade. Ademais, ela se firma como formadora da identidade cultural de um povo, tendo em vista que, na maioria das vezes, a religião e as formas de religiosidade são responsáveis pelo “pensar” e até mesmo pelo “sentir” dos seus fiéis.

Essa importante função social destinada à Igreja faz com que essa instituição se preocupe cada vez mais com a expansão de sua visibilidade, procurando novas formas de “fazer religião” que, muitas vezes, se dá pela aproximação entre dois domínios discursivos que estão cada vez mais próximos: o midiático e o religioso. A articulação

¹Trabalho apresentado na XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada na Pontifícia Universidade Católica – Campinas, 17/8/2017.

²Mestre em Estudos Discursivos pela Universidade Federal de Viçosa - Professora substituta do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: denisesouzaassis05@gmail.com.

entre esses domínios é responsável por uma doutrinação dos fiéis de forma diferente da tradicional, podendo ocorrer de modo direto por meio das missas e cultos televisionados, por exemplo, ou de uma forma indireta, com a presença dos líderes religiosos em programas de TV e nas redes sociais. Esse último é o nosso foco de estudo e coloca em cena o nosso programa escolhido: *De frente com Gabi*.

Sabe-se que essa articulação entre mídia e religião é extremamente importante no que tange à propagação de valores e ideias e à captação de devotos. Por isso, nos propomos, neste artigo, a analisar a forma como os religiosos de duas Igrejas distintas utilizam a visibilidade das mídias para propagar os princípios de suas instituições em um espaço no qual evangelização e doutrinação não é o foco, de forma a percebermos a atuação e a importância da mídia em um programa que não objetiva a discussão e a propagação de doutrinas. Além disso, nos preocupamos em analisar como a argumentação dos religiosos nesse espaço pode contribuir para que as Igrejas estudadas atinjam seus objetivos de captação e de propagação de doutrinas. Para isso centramos nossas análises na fala dos entrevistados, porém mantivemos nosso olhar voltado também ao espaço estudado.

Nossas análises se centraram na organização argumentativa das entrevistas que o padre Fábio de Melo e o pastor Silas Malafaia concederam ao programa *De frente com Gabi*, que foi apresentado no período de 2010 a 2015, no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), às 00:00 horas dos domingos, por Marília Gabriela. As entrevistas analisadas estão disponíveis no *site Youtube*³. Optamos por trabalhar com dois segmentos religiosos distintos: o Catolicismo e o Protestantismo, sendo a Igreja Católica representada pela imagem séria, centrada e carismática do Padre Fábio de Melo, e a Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo representada pela figura emblemática e polêmica do Pastor Silas Malafaia, utilizando principalmente a Teoria Semiológica de Patrick Charaudeau e os estudos de Soulages (1999, 2008) e Melo (2003) para discutirmos sobre a composição do estrato visual e fílmico das entrevistas e

³Entrevista padre Fábio de Melo.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TmHw0Xt9FXI&t=311s>. Acesso em: 20 fev. 2016.

Entrevista pastor Silas Malafaia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Myb0yUHdi14>. Acesso em: 20 fev. 2016.

abarcarmos de forma mais ampla a importância da relação entre mídia e religião nesse discurso.

2. A midiáticação do discurso religioso

A partir da década de 80 houve um aumento em relação aos estudos sobre a presença das mídias no que se refere às práticas sociais e culturais. A partir dessa época, o processo de midiáticação começou a se difundir mais fortemente no contexto social.

Para Gasparetto (2009), a midiáticação é um processo técnico, social e discursivo através do qual as mídias se relacionam com outras esferas sociais, afetando-as e por elas sendo afetadas. Desse modo, podemos pensar que a religião é afetada por essa influência, já que, muitas vezes, sofre mudanças em seu próprio discurso como forma de adaptação aos dispositivos midiáticos.

É importante destacar também que, segundo Fiegnbaum (2006), os meios de comunicação como dispositivos de interação social proporcionam uma mediação discursiva e uma tecnológica que estabelecem uma mediação interligada no discurso religioso. Isso faz com que as diversas religiões, independente das vertentes, rompam com o fazer religioso tradicional, buscando novas formas de se aproximar dos fiéis e propagar suas ideias e doutrinas, configurando dessa forma o processo de *mediáticação do discurso religioso*. Em virtude disso, é possível que os fiéis acompanhem o fazer religioso nos próprios lares a partir da comodidade que as mídias oferecem. Levando em consideração o dito processo, podemos dizer que a esfera religiosa a partir do uso do discurso midiático pretende reafirmar o processo de doutrinação religiosa e o contato com os fiéis que, através da influência das mídias, pode se estabelecer de uma forma indireta.

O fato de as mídias terem grande ligação com o social é outro motivo que serve para explicar a utilização desse domínio pela religião, visto que a divulgação das informações pelos dispositivos midiáticos acaba atingindo de forma eficaz a pessoa que recebe e necessita de notícias a respeito das diversas temáticas que circulam na sociedade contemporânea. Entre as temáticas estão as informações e os posicionamentos ligados à Igreja, o que confirma às mídias o *status* de instância de

informação, que precisa trabalhar em favor da cidadania e da democracia. Assim, para Charaudeau (2013):

As mídias apresentam-se como um *organismo especializado* que tem a vocação de responder a uma demanda social por dever de democracia. Justifica-se assim a profissão de informadores que buscam tornar público aquilo que seria ignorado, oculto ou secreto. Essa profissão se define como devendo exercer uma função de serviço: um serviço em benefício da cidadania (CHARAUDEAU, 2013, p. 58).

A midiaticização do discurso religioso atua como um espaço para que as atividades religiosas não se esgotem nos templos. Isso se dá pelo fato de que quando os fiéis deixam as missas ou os cultos, eles podem continuar tendo acesso ao “fazer” religioso pelas mídias.

3. A argumentação na perspectiva da semiolinguística

Para Charaudeau (2010), “o estudo da argumentação tem por função orientar a sequência do discurso e, portanto, representar uma maneira de agir sobre o outro (interlocutor ou destinatário)” (CHARAUDEAU, 2010, p. 202). Dessa forma, a argumentação não está limitada a uma sequência de frases ou de proposições ligadas por conectores lógicos, visto que, na maioria das vezes, o sentido da argumentação esconde-se no implícito. É importante ressaltar ainda que, pela argumentação, o falante transmite ao seu interlocutor uma convicção que possa levá-lo a modificar seu comportamento, sendo que é preciso enxergar a argumentação através de sua vertente racional e lógica, mas não desconsiderar as estratégias de persuasão e sedução.

Como modo argumentativo, Charaudeau (2010) coloca a argumentação como totalidade do referido modo, que “tem por função permitir a construção de explicações sobre asserções feitas acerca do mundo” (CHARAUDEAU, 2010, p. 207). Na organização da lógica argumentativa, ainda se fazem presentes os *modos de encadeamento*, as *condições de realização* e o *escopo do valor de verdade*. Esses diferentes componentes, segundo Charaudeau (2010), ao se combinarem, permitem que os *modos de raciocínio* organizem a lógica argumentativa a partir de uma *razão demonstrativa*.

Sabe-se que a argumentação não se consolida somente a partir da lógica. Temos também uma *razão persuasiva* que depende do sujeito argumentante e do contrato de comunicação. Para Charaudeau (2010), “não é suficiente que sejam emitidas *propostas* sobre o mundo, é necessário também que estas se inscrevam num quadro de questionamento que possa gerar um ato de persuasão” (CHARAUDEAU, 2010, p. 221). Assim, conclui-se que toda a asserção que estiver inserida em um dispositivo argumentativo pode ser considerada uma asserção argumentativa.

Conforme o linguista, para que a asserção seja considerada argumentativa, é necessário que o dispositivo argumentativo esteja definido, pois assim, através da definição e do funcionamento do mesmo, a sua encenação será realizada através de configurações dependentes do contrato que liga os sujeitos do ato de linguagem; o sujeito colocado no centro do dispositivo deverá tomar uma posição levando em consideração o desenrolar da argumentação e, por fim, como forma de justificar essa tomada de posição e garantir uma persuasão para o discurso, o sujeito que argumenta fará uso de procedimentos *semânticos*, *discursivos* e de *composição* nesse processo, que serão analisados e discutidos no tópico destinado à análise dos dados.

4. Da análise de dados

4.1. A análise do estrato visual e fílmico das entrevistas

No que se refere ao processo de midiaticização do discurso religioso, entendemos que o referido discurso se apropria do discurso midiático e, conseqüentemente, se adequa a algumas de suas características para que seu objetivo de captação e persuasão seja alcançado. Dessa maneira, ao trabalharmos com o discurso televisual, visto que nosso objeto de estudo são entrevistas midiáticas, temos que nos ater ao fato de a televisão ser formada pelo estrato verbal e não verbal e perceber que ambos devem ser considerados ao tratarmos desse tipo de dispositivo. Segundo Soulages (2008), cada programa televisivo se apropriará de elementos específicos que englobam as formas verbais e icônicas de modo que o interlocutor possa apreender o efeito de sentido pretendido pelo enunciador naquele momento.

Primeiramente, em relação aos signos figurativos, podemos dizer que as entrevistas analisadas são construídas em um cenário simples, no qual predomina a cor preta e que possui uma grande mesa de vidro que separa entrevistador e entrevistado. Sendo assim, cada entrevista é feita com a participação de dois sujeitos, a saber, a entrevistadora, que norteia e dirige a entrevista, e um convidado que se encontra naquele momento em posição de entrevistado. Ao ser utilizado apenas um fundo negro no cenário, subentende-se que o programa deseja transmitir seriedade e credibilidade, de modo a não desviar a atenção do interlocutor, mantendo-o focado no diálogo daquele momento. No que diz respeito à luminosidade, observamos que a luz é totalmente voltada para os sujeitos, de modo a destacá-los, evidenciando, mais uma vez, a preocupação em focar os protagonistas da cena e o diálogo entre eles.

Partindo para a análise dos estratos ligados diretamente à comunicação fílmica, nos deteremos primeiramente em abordar, de forma conjunta, as questões das variáveis proxêmicas e da escala de planos. Segundo Melo (2003), “essas estão intimamente ligadas, sendo o tipo de distanciamento desejado com relação aos personagens focalizados determinantes para a escolha do tipo de enquadramento a ser adotado” (MELO, 2003, p. 160). Podemos dizer, então, que, nas duas entrevistas, predominaram o primeiro plano correspondente à distância pessoal; e o plano geral que está ligado à distância pública, ambos com intuito de focar os personagens em cena.

Em relação às variáveis proxêmicas, levamos em consideração a distância entre entrevistadora e entrevistado, e a distância entre os sujeitos da cena e o público. Nas duas entrevistas, a distância entre o religioso e a comunicadora é fixa e é definida pelo tamanho da mesa. É possível percebermos que eles se encontram muito próximos, apesar de haver um obstáculo que os separa, marcando, desse modo, certa hierarquia entre ambos. Há, portanto, a predominância da *distância social*. No que tange à distância entre os sujeitos e o público, percebemos que cada enquadramento utilizado cria uma distância diferente. Nas cenas em que aparecem o *plano próximo* e o *primeiro plano* há a criação da *distância pessoal*. Nas cenas em que são visualizados os dois sujeitos, cria-se a *distância pública*.

No que diz respeito aos ângulos de filmagem, podemos dizer que houve predominância do ângulo *horizontal*. Com esse ângulo, a câmera fica localizada à altura do olhar dos personagens focalizados, podendo haver, então, uma tomada frontal ou uma tomada lateral.

4.2. As estratégias argumentativas na fala dos sujeitos: análise da temática sexualidade

A nossa análise se centrou na temática “sexualidade” que retratou subtemas como castidade, pedofilia e homossexualidade. Em relação a essa temática, algumas das principais teses defendidas pelo padre Fábio de Melo são: a castidade é um sacrifício, porém, trata-se de uma escolha; o cristão precisa saber o valor da renúncia e o valor do sacrifício; pedofilia é crime e doença e precisa ser reconhecida como tal; a Igreja não concorda com as relações homoafetivas, mas aceita as escolhas de seus fiéis.

Após a identificação das teses, trabalharemos, nesse momento, com a descrição e a interpretação das estratégias argumentativas utilizadas pelo padre como forma de defendê-las. Nessa temática, um dos subtemas discutidos pelo padre Fábio de Melo diz respeito à castidade, focando no uso dos métodos contraceptivos. A apresentadora o questiona se a Igreja Católica perde fiéis pelo fato de ser contra o uso de tais métodos, como, por exemplo, a pílula e a camisinha. A partir da resposta do padre, no exemplo (1), inferimos o uso do modo de raciocínio *dedução por silogismo*. Padre Fábio traz a seguinte resposta:

(1) [...] Eu acredito que nós, no momento em que nós temos uma postura, é natural contrariar muita gente. A Igreja não tem a pretensão de agradar o mundo todo. A única coisa que a gente precisa fazer... A gente, a partir do momento que nós escutamos a palavra do papa, ela não tem pretensão de ser para todos, ela tem a pretensão de ser para aqueles que são liderados por ele. Então, é só a gente esclarecer bem, eu sou cristão católico, então, a palavra do papa tem um peso, a palavra do papa me orienta [...].

Nessa resposta, podemos inferir que o padre trabalha com um silogismo, que se baseia em um raciocínio entimemático, visto que uma das premissas não se expressa explicitamente. Tendo em vista isso, abstraímos de sua fala o seguinte pensamento silogístico: *a palavra do papa e da Igreja não têm a pretensão de ser para todos,*

somente para aqueles que a seguem. Eu sou cristão católico e sigo essa palavra, logo eu a considero digna para me orientar. Cabe ao interlocutor, portanto, perceber se faz parte desse grupo e se realmente se considera cristão e, conseqüentemente, obedece as regras da Igreja. Podemos dizer que essa fala é categórica e não abre espaço para ser questionada.

No exemplo (2), exposto a seguir, a *associação dos contrários* é utilizada para referir-se especificamente à sexualidade, que é descrita como riqueza e como destruição. Nesse sentido, o paradoxo se desenvolve a partir do momento em que o locutor demonstra o interesse de mostrar ao seu destinatário que o convite à castidade feito pela Igreja é totalmente aceitável. Essa aceitação ocorre no momento em que passamos a enxergar a sexualidade como algo que pode nos levar à destruição

(2) Justamente, porque agora você é convidado a aprofundar suas riquezas humanas, e a sexualidade faz parte dessas **riquezas** e pode ser, você sabe disso, que ela pode ser a porta para muitas **destruições**.

Outro subtema inserido dentro dessa temática é a pedofilia, tratada nessa entrevista de forma radical, visto que, na situação em foco, tal prática é reconhecida como um crime e como uma patologia. Pelo exemplo (3), encontramos um procedimento discursivo na argumentação de Fábio de Melo. Observamos a *definição de um comportamento*, no caso, a pedofilia. Há a desqualificação dessa prática e a sua definição como uma doença e um crime, evidenciando, dessa forma, a postura rígida da Igreja em relação a esse tema. Ao definir pedofilia como doença, o padre a coloca como algo que precisa de tratamento médico, podendo ser fruto de um distúrbio mental. Entretanto, ao defini-la como crime, conseqüentemente, é vista como uma prática que precisa de punição legal. Assim, o padre deixa implícito que não cabe à Igreja a prerrogativa ou o papel de julgar os religiosos responsáveis por atos de pedofilia, cabendo julgamentos e punições à justiça comum.

(3) É uma **doença** que precisa ser tratada e é um **crime** que precisa ser punido.

Ao fazer uma reflexão sobre a homoafetividade, outro subtema inserido pela apresentadora do programa ao se referir ao posicionamento mais flexível do papa em relação a essa orientação sexual, o padre utiliza o modo de raciocínio *associação dos*

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

contrários. No exemplo (4), Fábio de Melo utiliza o *paradoxo* voltado para o *problema x solução: errado x correto*, como forma de destacar um dos princípios da Igreja, que é o acolhimento e o respeito, sobrepondo o julgamento de escolhas diferentes. Essa associação é utilizada como forma de sedução para que o interlocutor não enxergue a Igreja como uma instituição que, ao discordar de uma determinada diferença, segrega ou separa seus membros.

(4) A partir do momento que você abre mão de fazer esse **julgamento** e parte para o **acolhimento**, você ganha naturalmente o respeito daquela pessoa.

No que se refere à *concessão restritiva*, encontramos um exemplo que se refere ao posicionamento do padre em relação a esse subtema, como pode ser visto no excerto (5):

(5) Eu, como padre, tenho o direito de me posicionar contra qualquer situação, desde que não me falte a caridade no meu posicionamento para que aquele que está me ouvindo seja capaz de compreender por que eu penso diferente dele [...]

Através da *concessão restritiva* pautada em sua vivência como padre, Fábio de Melo confirma o posicionamento contrário às relações homoafetivas imposto pela Igreja Católica. Porém, há a reiteração da necessidade da caridade no entendimento do outro, o que evidencia a homossexualidade como uma escolha e não como uma orientação sexual, podendo, conseqüentemente, ser mudada.

Na entrevista concedida ao programa *De frente com Gabi* pelo pastor Silas Malafaia, o subtema central da temática “sexualidade” é centrado na discussão das relações homoafetivas. Desse modo, a argumentação desenvolvida pelo pastor fica restrita a um posicionamento crítico sobre esse assunto. Logo, diferentemente da entrevista do padre Fábio de Melo, o pastor se centra em apenas uma questão e isso acaba levando o público a perceber o interesse claro de Malafaia em fazê-lo acreditar que a postura da Igreja a respeito das relações homoafetivas é a mais correta e deve ser reconhecida pelo telespectador como a verdadeira.

Diante da centralização do tópico “relações homoafetivas” na temática “sexualidade”, depreendemos que algumas das principais teses defendidas pelo pastor em torno do subtema são: a homossexualidade é um comportamento; a homossexualidade não é comprovada pela Genética; as leis da Constituição Federal são iguais para os

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

homossexuais e para os heterossexuais; a homossexualidade é um pecado de acordo com a Bíblia; a Igreja condena a prática homossexual, mas não condena o homossexual. A entrevistadora inicia o debate a respeito das relações homoafetivas no segundo bloco do programa com a seguinte informação: “no discurso de posse pro segundo mandato, o presidente americano, Barack Obama, disse textualmente ‘Nossa jornada não estará completa até que nossos irmãos e irmãs gays sejam tratados como qualquer pessoa’. Na sua Igreja, ele não teria sido reeleito”. Após essa afirmação, Silas é enfático ao dizer:

(6) Na minha Igreja não. Ele não teria sido reeleito. Deixa eu falar sobre essa questão de homossexualismo.

Nesse primeiro momento, inferimos que a intencionalidade do falante é provocar no público uma reação de desqualificação da prática homossexual, já que o pastor introduz o seu posicionamento e o de sua Igreja. A partir do modo de raciocínio de *Dedução por silogismo*, o pastor, através de uma *consequência implicativa* que se estabelece numa relação de *equivalência* (se... então), leva o interlocutor a pensar que: *se a minha Igreja não concorda com a homossexualidade, então a homossexualidade é uma prática errada*. Logo, Malafaia enfatiza o posicionamento tradicional da sua instituição religiosa em relação à homoafetividade e permite, desse modo, que o público vá construindo um posicionamento a respeito do tema.

Ao utilizar o termo “homossexualismo”, Malafaia é corrigido pela apresentadora, que apresenta a justificativa de que o termo traz contestações e remete a doença. Entretanto, o pastor se mantém firme ao dizer que ao se referir à prática homossexual, o uso do termo “homossexualismo” não é errado. Assim, mesmo contestado e alertado de que a palavra remete a uma patologia e pode, por isso, ser enxergada como preconceituosa, o pastor não se intimida ao empregá-la.

Em um determinado momento da entrevista, Marília Gabriela interrompe o pastor e diz que deseja encerrar a discussão, devido ao fato de ela acreditar que a tese exposta pelo pastor de que a homossexualidade é uma prática comportamental é contestável, e isso nos leva a entender que a entrevistadora não se convenceu pelos argumentos expostos

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

pelo pastor. Logo, ela se mostra enfática ao fazer uma nova indagação ao entrevistado: “eu quero saber qual é a tua questão com a homossexualidade”.

O pastor não se exime da resposta e novamente, em tom polêmico, diz: “a minha questão aqui no Brasil é os direitos que eles querem em detrimento da coletividade”. Dessa forma, o pastor coloca em dúvida os direitos pelos quais os homossexuais sempre lutaram, levando o interlocutor a inferir que eles desejam “exclusividade”. Assim, esse debate se manifesta da seguinte forma:

(7) **Marília Gabriela:** Quais são os direitos?

Silas Malafaia: Os direitos? Então eu vou dizer pra você

Marília Gabriela: Serem respeitados? Não serem mortos e agredidos?

Silas Malafaia: Não, nada, nada disso! Você está falando de mortos? Quando eles falam de números. Eu não acho que ninguém deve morrer. Eu não quero que ninguém morra de nada. Mas quando eles utilizam números é contra eles, totalmente...

Tendo em vista a discussão acima, podemos dizer que o pastor utiliza o modo de raciocínio *concessão restritiva*. Em um primeiro momento, ele coloca como verdade o fato de não concordar com a agressão e a morte dos homossexuais, isentando-se, dessa forma, do papel de intolerante. Entretanto, ele utiliza a conjunção adversativa “mas” como forma de expor uma ressalva ao que está sendo dito e aponta um pensamento incompleto, pois ele apenas fala que ao utilizar números os homossexuais acabam se contradizendo. Podemos inferir, então, que ele alega que os homossexuais são mentirosos quando apontam números de mortos na comunidade homossexual, que revela casos de intolerância e homofobia. Isso nos mostra que o pastor acaba revelando um posicionamento de deslegitimação aos direitos requeridos pelos homossexuais, instaurando, mais uma vez, uma polêmica. Entretanto, o pastor não completa nem justifica o seu raciocínio, deixando a interpretação final por conta do interlocutor.

No que se refere à análise dos *procedimentos discursivos*, percebemos que o pastor, nessa temática, valeu-se das categorias de *definição*, *comparação* e *citação* como forma de justificar sua tomada de posição durante a argumentação e atingir de forma mais eficiente o seu ideal de persuasão.

Temos em (8) a *definição* de um comportamento, que é a homossexualidade. Malafaia é enfático ao dizer que define homossexualidade como comportamento ou preferência

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

aprendida ou imposta, pretendendo, dessa forma, que o interlocutor acredite que se trata de algo que pode ser revertido ou reorientado. Há, portanto, o uso de uma denominação seguida de uma definição.

(8) Não. Mas eu não vejo como doença. Vejo como comportamento. Não há nada de doença. Então, a homossexualidade. Um homem e uma mulher por determinação genética, e homossexual por preferência aprendida ou imposta.

Malafaia utiliza, ainda, a *comparação* como forma de reforçar suas provas e convencer o seu interlocutor. Pelo excerto (9), depreendemos que Marília Gabriela procura fazer com que o pastor compreenda que a exposição de seus posicionamentos radicais sobre a homossexualidade pode estimular a homofobia e incitar a violência. Como previsto, o pastor discorda do posicionamento da entrevistadora e utiliza uma *comparação por semelhança*. Isso se estabelece na medida em que ele compara a exposição de seus posicionamentos como similar aos conteúdos trazidos pela televisão nas novelas e nos filmes. O pastor espera, então, que o interlocutor perceba que se a televisão apresenta cenas de violência e morte, e isso não influencia ninguém a praticar atos criminosos, as palavras proferidas por ele também não terão o mesmo efeito.

(9) *Marília Gabriela*: Mas acontece que todas as pessoas que têm a formação que você tem ou tem esse tipo de disposição esclarecida... Você falando com essa convicção e dessa forma e com essa sua interpretação, pode, eventualmente, estar influenciando pessoas que podem, sim, praticar violência.

Silas Malafaia: Aí, minha filha, você vai me desculpar. Mas vamos cortar programas de televisão, vamos cortar novelas, vamos cortar filmes que têm ação porque vai influenciar alguém a matar. Aí a sociedade para. Então, a televisão vai ter que parar agora. Vai ficar só a Marília Gabriela, porque tem entrevista. O cara que mata não vai poder, não vai poder ter mais filme na TV.

No excerto (10), Malafaia utiliza outra *comparação por semelhança*. Mais uma vez, essa comparação vem como forma de desqualificação, pois em um primeiro momento ele afirma amar os homossexuais, o que traz um tom afetivo ao seu discurso. Entretanto, ele compara esse amor ao mesmo sentimento que tem por bandidos e assassinos, o que leva o ouvinte a inferir que o pastor coloca a prática homossexual no mesmo nível que um crime passível de punição legal.

(10) Eu amo os homossexuais como amo os bandidos, amo assassinos. Eu aumento o leque, porque eu amo. O ser humano é a coisa mais importante.

Para garantir um efeito de autenticidade para a sua argumentação, Malafaia expõe nos excertos (11) e (12) citações que se referem a saberes. Malafaia continua construindo sua argumentação de forma a convencer o interlocutor de que a homossexualidade é comportamental. Para isso, o argumentante utiliza um *argumento de autoridade* ao citar a Genética. Entretanto, ele apenas cita a disciplina sem trazer nenhum dado consistente que ajude a comprovar sua constatação.

(11) É contestável? Eu mando vim na Genética. Quem pode dizer se alguém nasce gay ou não? Não é a psicologia, é a Genética. É a Ciência. Igual aborto. Quem pode dizer onde começa a vida? É a Biologia.

(12) A criança quando nasce, o primeiro objeto de amor dela é a mãe. Ela faz ruptura dela com a mãe, a partir da figura paterna. A partir da figura paterna, a criança faz diferenciação entre ela, a mãe e o mundo. Eu ouvi, eu cansei de ouvir isso. Sabe de Freud? Que tanto falam? Freud estudou o caso de uma paciente homossexual e descobriu que ela é homossexual pela relação dela com o pai. Manda rasgar o Compêndio de Freud, manda eles rasgarem. Tá lá Estudo de Freud. Ele reorientou a mulher e ela passou a ser heterossexual.

Continuando sua explanação em defesa da tese da homossexualidade como um comportamento que pode ser reorientado, o pastor cita o Compêndio de Freud de forma a garantir credibilidade à sua fala, no excerto (12). Ele busca, nos estudos da Psicanálise, um *argumento pelo exemplo*, como uma justificativa que convença o interlocutor de que a homossexualidade pode ser mudada, pois isso já foi feito por um dos maiores estudiosos do mundo. A fala adquire um tom agressivo, já que ele utiliza o verbo *rasgar* como forma de alegar que as discussões de hoje estão desmerecendo importantes estudos da Psicologia, como os de Sigmund Freud.

Podemos dizer através de nossas análises que uma divergência nas posturas dos dois entrevistados nos permite destacar um contraste evidente entre o carisma e a polêmica. Fábio de Melo argumenta com um falar ameno e culto, transmitindo o legado da Igreja Católica, já o pastor trabalha o tempo todo com o discurso polêmico e se resguarda a partir de um falar forte, informal e doutrinador.

5. Considerações finais

Mesmo se tratando de um programa no qual não predomina a doutrinação, evidenciamos que a escolha dos entrevistados, que são líderes religiosos e também

apresentam uma projeção midiática, fez com que as perguntas escolhidas pelo programa e feitas pela entrevistadora apresentassem um cunho religioso e tivessem ligação explícita com a Igreja e as doutrinas que cada um defende. Assim, percebemos que nesse *corpus*, a instância midiática e a instância religiosa estavam em constante ligação para a efetivação dos propósitos de ambas, na medida em que os dois domínios se preocupavam com a divulgação de informações e com a captação de um determinado público.

No que diz respeito à análise das temáticas e à forma como a argumentação se desenvolveu, percebemos que houve um contraste em relação à postura e ao estilo dos entrevistados. Ambos possuem posicionamentos conservadores e defendem pensamentos tradicionalistas que são perpetuados pelas Igrejas que representam. No entanto, observamos que Silas Malafaia, ao argumentar, se posiciona de forma polêmica, com um falar forte, que não se exime meio a contestações e reprovações. Entretanto, ele não se adequa perfeitamente ao ambiente ao qual está inserido, já que apresenta, muitas vezes, uma linguagem informal. Já o padre Fábio de Melo, através de sua fala mais amena, tranquila e que demonstra seriedade, o que lhe faz, muitas vezes, ser associado a um guia e aconselhador, acaba transmitindo uma imagem de mais tolerância. Contudo, sabemos que as duas Igrejas representadas pelas falas dos entrevistados são tradicionais e, portanto, intolerantes no que diz respeito a diversas temáticas polêmicas.

Por entendermos a importância do discurso religioso e do discurso midiático na sociedade contemporânea, acreditamos que um trabalho como esse que resgata a interação entre essas duas instâncias e revela os posicionamentos, os interesses e as ideologias das mesmas, é extremamente relevante no sentido de trazer ao conhecimento do público a importância desse processo relativamente recente, mas tão presente nos dias atuais, que é a midiaticização do discurso religioso.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

REFERÊNCIAS

BRAGA, J.L. Circuitos *versus* Campos sociais. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JÚNIOR, J.; JACKS, N. (orgs.). **Mediação e Mdiatização**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 31-52.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Orgs.) **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro : Lucerna, 2005. p. 11-27.

_____. **Linguagem e discurso**: modos de organização. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

FIEGENBAUM, R. Z. Mdiatização do campo religioso: tensões e peculiaridades de uma relação de campos. In: **UNirevista**, vol. 1, nº 3, jul, 2006. p.1-12.

GASPARETTO, P.R. **Mdiatização da religião**. Processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento. Estudo sobre a recepção da TV Canção Nova. 2009.459 páginas. Tese de Doutorado. Unisinos – São Leopoldo.

GUTIÉRREZ, L.I.S. A Mdiatização Televisiva da Religião. Uma experiência de pesquisa sobre os processos midiáticos e a religiosidade. In: **UNirevista**, vol. 1, nº 3, jul, 2006. p. 1-13.

MELO, M. S. S. **Estratégias discursivas em publicidades de televisão**. 2003. 302 páginas. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte.

_____. Pressupostos de uma Teoria Psicossocial do Discurso: A Semiolinguística. In: CATALDI, C; GOMES, M.C. A; MELO, M.S.S. (org.). **Gênero discursivo, mídia e identidade**. Viçosa: Editora da UFV, 2007. p. 105-113.

SOULAGES, J. C. **Les mises em scènes visuelles de l'information**. Paris: Nathan, 1999.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

SOULAGES, J. C. Instrumentos de análise do discurso nos estudos televisuais. In: LARA, G.M.P.; MACHADO, I.L e EMEDIATO, W. (orgs.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 255-277.